

**LEGIONÁRIOS *BRUMMER*, IMIGRANTES ALEMÃES E
SEUS DESCENDENTES NA GUERRA DO PARAGUAI:
entre a história, a memória e a
afirmação da cidadania brasileira**

**THE *BRUMMER* LEGIONNAIRES, GERMAN IMMIGRANTS
AND THEIR DESCENDANTS IN THE PARAGUAYAN WAR:
between history, memory and the affirmation
of Brazilian citizenship**

*Eduardo Henrique de Souza*¹

*Daniel Luciano Gevehr*²

RESUMO: A Guerra do Paraguai (1864-1870) fez com que muitos legionários *Brummer*, imigrantes alemães e seus descendentes, principalmente de São Leopoldo (RS) e arredores, se engajassem no conflito, em sua maioria através da Guarda Nacional de São Leopoldo, do Batalhão de Voluntários da Pátria nº 33 e da “Bateria Alemã”, formada principalmente pelos *Brummer*. O artigo aborda a participação dos legionários *Brummer*, dos imigrantes alemães e de seus descendentes na Guerra do Paraguai, verificando a sua contribuição militar ao longo do conflito. Pretende-se analisar, ainda, o discurso de alguns desses personagens para compreender a construção de uma memória positiva sobre a sua participação na guerra, bem como a afirmação de que eram cidadãos exemplares de sua nova pátria: o Brasil.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai. Brasil Imperial. Imigração Alemã. *Brummer*.

ABSTRACT: The Paraguayan War (1864-1870) caused many *Brummer* legionnaires, German immigrants and their descendants, mainly from São Leopoldo (RS) and surroundings to engage in the conflict, mostly through the National Guard of São Leopoldo, Battalion of Homeland Volunteers no. 33, and the “German Battery” mainly comprised by *Brummers*. The article discusses the participation of *Brummer* legionnaires, German immigrants and their descendants in the Paraguayan War, looking at their military contribution during the conflict. We also intend to analyze the discourse of some of these characters, to understand the construction of a positive memory regarding their participation in the war, as well as the affirmation of being exemplary citizens of their new homeland, Brazil.

Keywords: Paraguayan War. Empire of Brazil. German Immigration. *Brummer*.

1 INTRODUÇÃO

O estudo problematiza a participação dos Legionários *Brummer*, dos imigrantes alemães e de seus descendentes na Guerra do Paraguai (1864-1870), destacando sua contribuição militar. Atentamos ainda para o

processo de construção de uma *memória positiva* sobre os seus feitos, bem como a afirmação da sua cidadania brasileira.

A participação dos legionários *Brummer*, dos imigrantes alemães e seus descendentes na Guerra do Pa-

¹ Graduado em História pelas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Email: eduardo.historia2011@gmail.com.

² Doutor em História e professor da FACCAT e do ISEI. Email: danielgevehr@hotmail.com.

raguai foi expressiva, especialmente para os próprios combatentes, que nos relatos, diários e cartas afirmaram o seu valor como combatentes, destacando seus atos de bravura e sacrifício em favor do Brasil. Além disso, através da obra de Becker (1968), que nos apresenta notícias do jornal *Deutsche Zeitung*, de Karl von Koseritz, verificamos a importância da participação desses personagens no conflito para a comunidade alemã da Província.

Apresentamos parte de relatos, notícias, cartas e diários escritos pelos *Brummer*, imigrantes alemães e seus descendentes, que estão presentes nas obras de Becker (1968), Lenz, Schnack e Schäfer (1997) – que contribuíram de forma significativa para a difusão das representações construídas sobre esse grupo e que nos ajudam a compreender como esses combatentes construíram uma memória positiva sobre os seus atos e de que forma este conflito serviu para a afirmação desses grupos como cidadãos brasileiros.

Muitos desses relatos referem-se a situações “incríveis”, apresentando expressões que salientam a valentia e a engenhosidade desses soldados. Essas citações foram fundamentais para compreendermos como esses indivíduos viam a sua participação no conflito e como eles expunham essa visão para a coletividade. Além disso, são importantes na compreensão da construção de uma memória positiva e da afirmação de um comportamento exemplar.

A Guerra do Paraguai ocorreu entre 1864 e 1870, opondo o Paraguai à Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina e Uruguai. Foi o maior conflito ocorrido na América do Sul e que mobilizou por mais tempo o Brasil, gerando o maior número de vítimas em nossa história. Esse conflito foi fruto de questões políticas e econômicas, que tiveram como marco os processos de independência da Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil.

Entre as motivações do conflito podemos apontar a hostilidade entre Brasil e Argentina, já que o Império temia que os portenhos anexassem o Paraguai e o Uruguai, formando uma grande República. Havia uma série de indefinições nas fronteiras, disputas pela navegação nos rios Paraná e Paraguai, conflitos envolvendo caudilhos e divergências políticas sobre a maior ou menor abertura ao mercado externo, especialmente no Uruguai e Paraguai. Também destacamos a política agressiva praticada pelo Império do Brasil na região do Rio da Prata, as disputas internas que ocorriam na Argentina e Uruguai e a tentativa dos paraguaios de garantir sua liberdade perante a Argentina e o Brasil, conquistando

uma saída ao mar para aumentar o escoamento de sua produção.

Nesse quadro de constantes disputas políticas, o Paraguai, sentindo-se ameaçado pelo Império e pela Argentina e buscando o domínio sobre os principais rios da região, atacou o Brasil em 1864, iniciando a Guerra do Paraguai. Após várias batalhas e mais de cinco anos de guerra, as tropas brasileiras derrotaram o último exército paraguaio, cercando e executando Francisco Solano López em 1º de março de 1870.

No que se refere aos personagens centrais deste estudo, podemos afirmar que a colonização alemã no Rio Grande do Sul iniciou em 1824, desenvolvendo-se um sistema de produção de alimentos, baseado na pequena propriedade, capaz de abastecer a Colônia e demais regiões do Império, especialmente o Sudeste. Os legionários alemães *Brummer* foram trazidos ao Brasil para servir ao Exército Brasileiro na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852). No entanto, com o rápido desfecho do conflito, poucos guerrearam, cumprindo seus contratos de forma bastante problemática em virtude da baixa qualidade de muitos soldados e principalmente pelo despreparo do governo brasileiro, que não lhes garantiu as mínimas condições de vida.

Após o contrato com o governo brasileiro, muitos *Brummer* fixaram-se na província do Rio Grande do Sul, principalmente na Colônia Alemã de São Leopoldo (RS), onde viveram precariamente, enfrentando inclusive o preconceito por parte da população, que os considerava mercenários. No entanto, muitos *Brummer* integraram-se na sociedade local, desempenhando importante papel na política, imprensa, educação, nas sociedades culturais, bem como na economia da região.

Ao longo deste estudo, verificamos o impacto da eclosão da Guerra do Paraguai sobre os *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes e como os mesmos reagiram perante a situação. Após isso, abordamos a organização dos corpos armados formados pelos *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes, como a Guarda Nacional de São Leopoldo, o Batalhão de Voluntários da Pátria nº 33 e a “Bateria Alemã” na região de São Leopoldo e demais localidades que possuíam imigração alemã. Também abordamos a expedição empreendida pelo Imperador D. Pedro II ao Rio Grande do Sul em vista da invasão paraguaia na Província, a sua passagem por São Leopoldo e as repercussões da mesma entre os habitantes de origem alemã da região.

Por fim, apresentamos a participação desses personagens no conflito, buscando compreender a sua contribuição militar, construção de uma memória relativa

ao mesmo e a importância dessa guerra na afirmação da cidadania brasileira para os soldados de origem alemã. Para isso utilizamos a obra “Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai”, de Klaus Becker (1968), que conta com uma série de relatos, cartas e diários, escritos pelos *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes, tais como Carl Alexander Wichmann, Jakob Dick, Rudolph Schimmelpfennig von der Oye, Otto Stieher, Jacob Franzen, Pedro Werlang, Friedrich Wilhelm Fruherr von Reisswitz e Cristiano Spindler.

Além disso, a obra apresenta muitas notícias do jornal *Deutsche Zeitung*, escrito por Karl von Koseritz, um dos maiores incentivadores da participação alemã no conflito e elemento fundamental na construção de uma memória positiva sobre esse fato, principalmente na afirmação da cidadania brasileira dos legionários *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes.

2 OS BRUMMER: ENTRE A HISTÓRIA, A NARRATIVA E A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA

Nosso estudo enfatiza a análise dos micropoderes e das relações cotidianas, bem como os sistemas de representação que se referem aos indivíduos comuns. Sendo assim, abordamos a História Política através de uma perspectiva voltada para as relações entre os grupos sociais e os indivíduos em seu interior, bem como a questão das representações políticas e o discurso.

No que se refere à História Política, Rémond (2003) afirma que os aspectos políticos influenciam concretamente a sociedade, sendo um condensador entre as diferentes perspectivas históricas e sendo influenciada por fatores externos que nem sempre são políticos. Ao refletir sobre a importância do estudo das guerras dentro da História Política, Azéma (2003, p. 409) afirma que “uma leitura política da guerra parece não ser só possível, mas necessária”, sendo um elemento transformador, que coloca em jogo questões de grande impacto dentro das sociedades, contribuindo para a transformação de antigas estruturas.

Verificamos que a Guerra do Paraguai foi um elemento transformador para os *Brummer*, que através de sua participação buscavam apagar uma imagem negativa oriunda do fracasso durante o cumprimento do contrato com o governo brasileiro durante a década de 1850, já os imigrantes alemães e descendentes tinham a oportunidade de demonstrar o seu valor perante a sociedade brasileira.

Conforme exposto por Pollack (1989), a memória coletiva é um campo problemático. Sendo assim, nes-

te estudo nos voltamos para os processos de constituição e formalização das memórias, destacando os personagens que constroem a mesma. Ao analisarmos a construção de uma memória por parte dos *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes, verificamos que, de acordo com Pollack (1989), a oposição entre memória dominante e oficial e as memórias subalternas não remete apenas à oposição entre Estado dominador e sociedade civil, havendo situações desse tipo entre grupos minoritários e o restante da sociedade.

Ainda de acordo com Pollack (1989), as circunstâncias contribuem para a emergência de determinadas lembranças ou a ênfase em algum aspecto, havendo a reinterpretação do passado. Isso se aplica à memória individual e coletiva, sendo que, em determinadas ocasiões, elas possam ser expostas para a coletividade, manifestando contestação ou reivindicação. Nesse caso, a memória pode ser considerada a tentativa de definir ou reforçar sentimentos de pertencimento ou fronteiras sociais entre as coletividades. Sendo assim, a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos, além de definir seus lugares na sociedade.

A memória e a identidade fazem parte dos conflitos sociais, sendo fundamentais para o reconhecimento e a valorização de determinados indivíduos e grupos, conforme podemos observar na construção de uma memória positiva sobre os *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes através de sua participação na Guerra do Paraguai.

Já em relação à representação, Chartier (2002) afirma que atualmente os historiadores se debruçam sobre a complexidade das relações e tensões sociais, considerando que as práticas e estruturas são construídas pelas representações que dão sentido ao mundo do indivíduo, determinam posições e relações e constroem identidades. Sendo assim, verificamos que através de estratégias simbólicas os legionários *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes empreendiam a valorização individual e do grupo, construindo uma identidade social, pela qual os mesmos eram reconhecidos no que se refere a um status, posição e modo de ser. A realidade era construída, percebida e representada através de um processo de classificação e recorte.

Jodelet (2001), por seu turno, afirma que as representações regem nossas relações com o mundo e com o outro, interferindo na construção das identidades individuais e sociais, no desenvolvimento intelectual e coletivo, bem como nas expressões dos grupos e na transformação social. Segundo Jodelet (2001), a representação está presente nos discursos, sendo transmitida pelas

palavras e condutas. As representações são construídas de acordo com os valores do grupo ou indivíduo que as forjaram, possuindo forte vinculação com elementos ideológicos, culturais ou sociais, bem como as experiências individuais ou coletivas do indivíduo.

Através de cartas, relatos, diários e notícias dos legionários *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes percebemos a existência da representação, que reflete os valores, visão sobre a realidade e ideologia dos mesmos.

Consideramos válida a discussão apresentada por Orlandi (2001), para quem o texto é construído em função da historicidade, havendo várias possibilidades de interpretação do mesmo. Além disso, a autora afirma que é importante considerar que o texto possui articulações que são importantes para a construção dos seus sentidos. No entanto, é importante destacar que os fatores externos definem os limites ou direções que o texto pode tomar durante a interpretação. Portanto foi através desses pressupostos teóricos que desenvolvemos este estudo.

Através dos relatos produzidos sobre sua participação na Guerra do Paraguai, os legionários *Brummer*, imigrantes alemães e seus descendentes relacionaram-se à ideia de que eram combatentes destemidos, engenhosos e honrados e que, portanto, eram cidadãos modelares, cumpridores de suas obrigações para com o Brasil; para isso utilizavam-se da dispersão e distorção das informações sobre o objeto representado bem como a focalização em determinados aspectos referentes à sua participação na Guerra do Paraguai. E nesse sentido, o *Deutsche Zeitung* contribuía para a difusão dessa imagem para o restante da sociedade.

Vale ressaltar que a Guerra do Paraguai causou grande temor em toda a comunidade de origem alemã. Sendo assim, muitos imigrantes alemães e descendentes apresentaram-se ao serviço militar.

Muitos desses, além de sociedades e comissões organizadas em São Leopoldo e Santa Cruz, comprometeram-se a formar “Corpos de Defesa” compostos por voluntários de origem alemã. Em Porto Alegre, foi realizada uma série de reuniões sobre o posicionamento do grupo diante da provável invasão paraguaia à capital, prevalecendo a influência de Koseritz, que afirmava que os teuto-brasileiros deveriam apoiar a sua nova pátria. Sendo assim, foi criada uma guarda, composta por 150 alemães, que ajudaria na defesa da capital em caso de ataque, além de realizar patrulhas noturnas.

Ainda no final de 1864, Carl Emil solicitou a formação de um Corpo de Defesa de origem alemã, o que

não foi permitido pelo governo brasileiro, apesar dos “agradecimentos”. Situação semelhante ocorreu com a diretoria da sociedade *Gesangverein*, de Porto Alegre, em dezembro de 1864.

No entanto, após a invasão dos Blancos à Jaguarão em 29 de janeiro de 1865 e perante a ameaça de invasão a Pelotas, o governo mudou de posição e permitiu a Carl Alexander Wichmann a licença para formar e comandar um “Corpo de Defesa” em Pelotas, composto por 200 homens, que receberam as armas no início de fevereiro do mesmo ano. Ainda em fevereiro, Franz Grauert recebeu armas em Rio Grande.

Conforme Becker (1968), em 30 de maio Wichmann realizou novo pedido, que foi deferido, assim como Carl Ferdinand Schneider e Peter Weber, que em 19 de junho receberam a autorização para formar uma companhia de 100 artilheiros. Ainda no final de maio, Wilhelm von Reisswitz foi autorizado a alistar voluntários em Rio Pardo, assim como o *Brummer* Carl Kammer, em meados de julho, em Pelotas, São Lourenço e Canguçu. O grupo formado por Kammer partiu ao Paraguai integrando o 2º Corpo de Caçadores a Cavalos de Pelotas.

Em sua obra, Becker (1968) apresenta o requerimento de Carl Alexander Wichmann, que nos demonstra o quanto essa personagem acreditava ser importante a sua participação e a dos demais teuto-riograndenses no conflito. Ao analisarmos a carta do *Brummer* Carl Alexander Wichmann, podemos perceber que o mesmo salientou a sua experiência militar e condecorações em Schleswig-Holstein e como legionário na Campanha contra Rosas (1851-1852), demonstrando que reunia os requisitos necessários para criar um Corpo Armado.

Wichmann valoriza ainda os soldados alemães, destacando que as circunstâncias levaram ao fracasso dos *Brummer* durante a Campanha contra Rosas e que através da participação no conflito com o Paraguai apagariam a imagem negativa que adquiriram ao longo de seus contratos com o governo brasileiro. Dessa forma, Wichmann pretendia mostrar o valor de seu grupo e a sua importância na sociedade local e até mesmo para o Brasil.

Ainda de acordo com Becker (1968), em meados de novembro de 1865 a companhia organizada por Carl Kammer contava com cerca de 80 homens, que constituíam um Corpo de Caçadores a Cavalos. Posteriormente, a companhia foi transferida para a capital, e após isso para a guerra, juntamente com outras unidades concentradas em Porto Alegre.

3 A COLÔNIA ORGANIZA-SE MILITARMENTE: A ORGANIZAÇÃO DA GUARDA NACIONAL DE SÃO LEOPOLDO

Durante a década de 1830, foram criados os corpos da Guarda Nacional no Rio Grande do Sul. No período anterior à eclosão da Guerra do Paraguai, a rotina dos guardas nacionais de São Leopoldo era tranquila, sendo que raramente utilizavam seus defasados fuzis. Com a eclosão da Guerra do Paraguai, os guardas receberam novas armas, foram convocados, preparados para marchar, alojados em um quartel e passaram a receber soldo. Na sequência, foram transferidos para Porto Alegre e de lá para a guerra.

Segundo Bento (1976), a Guarda Nacional do município de São Leopoldo compunha-se da Seção de Infantaria, que a partir de dezembro de 1865 formou a 1ª Companhia do Corpo Policial de Porto Alegre, e dos 11º e 12º Corpos de Cavalaria, que contavam com suas sedes em Sant'Ana e São Leopoldo, respectivamente. Segundo Becker (1968), em dezembro de 1864, no início do conflito, a Guarda Nacional do Rio Grande do Sul contava com cerca de 2.750 homens armados, aumentando para algo em torno de 8.000 ou até 12.000 homens um mês depois.

Koseritz destacava que muitos elementos de origem germânica recebiam tratamento inadequado por parte dos oficiais brasileiros, que os consideravam inferiores, recebendo apelidos pejorativos, realizando serviços mais pesados, além de receber armas inferiores. Além disso, houve inúmeras irregularidades durante as convocações, como a convocação de pais de família, filhos únicos de viúvas, viúvos com filhos menores e inválidos. Em 15 de julho de 1865, Koseritz denunciou tal situação no *Deutsche Zeitung*, aconselhando os prejudicados a dirigir requerimentos pedindo baixa, diretamente para o presidente da Província, pois, caso mandassem para seus superiores, seriam indeferidos.

No mesmo mês, D. Pedro II e o ministro da Guerra Ângelo Moniz da Silva Ferraz exigiram a rápida apresentação dos guardas nacionais a seus respectivos postos em virtude da invasão paraguaia no Rio Grande do Sul. Levando em consideração esses fatos, Koseritz publicou em seu jornal, no dia 02 de agosto de 1865, artigo no qual incitava todos os guardas nacionais de origem alemã a marchar para a guerra, cumprindo o seu dever com a pátria como “brasileiros natos”.

No entanto, Koseritz destacava no *Deutsche Zeitung* que a ida à guerra traria prejuízos às famílias dos combatentes, já que faltariam “braços” na produção rural. Os inconvenientes seriam maiores em casos de

convocação irregular, onde fossem tirados de casa os homens que garantiam o sustento de suas famílias. Além disso, muitos colonos haviam adquirido há pouco tempo as terras e ainda pagavam suas prestações.

Em 24 de julho, foi decretada a mobilização da Guarda Nacional de todas as províncias, e em agosto, as vantagens concedidas aos Voluntários da Pátria foram estendidas aos guardas nacionais em campanha. Para sanar os problemas apresentados anteriormente, o decreto 3.056, de 04 de agosto de 1865, versava que viúvos e casados com filhos menores passariam para a reserva, e os solteiros, juntamente com os viúvos e casados sem filhos, seriam transportados para os corpos da Guarda Nacional, marchando para a guerra.

No entanto, muitos guardas nacionais de origem alemã que deveriam fazer parte da reserva não foram dispensados. Segundo Becker (1968), em 30 de agosto, Koseritz acusou os comandantes do 11º e 12º Corpos da Guarda Nacional de São Leopoldo de irregularidades no recrutamento dos guardas nacionais, publicando em 27 de setembro lista com 39 nomes de convocados com mais de um filho menor, todos pertencentes ao 11º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional.

Em 29 de setembro, o presidente da Província, Visconde da Boa Vista, atendeu ao apelo de Koseritz e enviou ofício ao Comandante-Geral da Guarda Nacional de Porto Alegre e São Leopoldo, dando ordens de dispensa imediata para todos os guardas nacionais recrutados irregularmente. Sendo assim, cerca de 260 pais de família ou viúvos com filhos menores foram dispensados da marcha.

Acredita-se que somente no 11º Corpo teriam sido 200 os homens recrutados irregularmente, sendo que, após as baixas solicitadas pelo presidente da Província, seu efetivo foi praticamente reduzido a zero, sendo seus comandantes transferidos para o 9º Corpo da Guarda Nacional.

Muitos guardas nacionais fizeram uso do decreto 3.059, de 12 de dezembro de 1865, cujo 1º artigo instituiu o direito de apresentar um substituto para combater em seu lugar, estabelecendo através de contrato as condições para ambas as partes, incluindo as obrigações de quem se candidatava a substituir e os valores e formas de pagamento.

Entre 14 e 18 de outubro de 1865, o 12º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional partiu em direção ao Passo da Pátria no Paraguai, onde chegou em 14 de julho de 1866, juntando-se a outras forças brasileiras e formando o 1º Corpo Provisório de Caçadores a Cavalari, que pertencia ao 2º Corpo do Exército Brasileiro. Qua-

tro dias depois, os guardas nacionais de São Leopoldo já participavam das primeiras manobras de reconhecimento.

Quanto ao 11º Corpo da Guarda Nacional de Sant'Ana, Becker (1968) comenta que, em novembro de 1865, os homens foram transferidos para Porto Alegre, onde a maioria dos integrantes de origem alemã manifestou interesse em se transferir para a "Artilharia Alemã", sob o comando do capitão Carl Ferdinand Schneider, sendo que não se sabe se o pedido foi atendido. Em 10 de dezembro, esse corpo embarcou no vapor Galgo em direção a Rio Grande, de onde seguiu no dia 12 do mesmo mês para Montevidéu, sendo transportado pelo vapor Jaguaribe. Consta que esse corpo era constituído por seis companhias de 18 a 20 homens, havendo um oficial para cada cinco homens.

A 4ª Seção de Infantaria da Guarda Nacional de São Leopoldo foi reduzida a uma companhia e incorporada ao Corpo Policial de Porto Alegre, partindo no final de dezembro, no vapor Galgo, em direção ao Paraguai. Após a chegada a Corrientes em 1º de janeiro de 1866, reuniu-se com o 1º Corpo do Exército Brasileiro, partindo para o Passo da Pátria, sendo que no dia 01 de maio atravessaram o rio e tomaram as fortificações lá existentes. O inimigo só reagiu no dia 24 de maio na Batalha de Tuiuti.

Através da análise desse percurso, observamos que, inicialmente, a guerra gerou mobilização popular, mas, no entanto, com o passar do tempo, o ânimo esfriou, e muitos acabaram desertando ou cometendo atos de indisciplina.

Cabe lembrar, no âmbito da guerra, que, em 16 de maio de 1865, o presidente da Província, João Marcelino de Souza Gonzaga, autorizou a formação de um batalhão de voluntários em Porto Alegre e São Leopoldo, sendo o marechal Luiz Manuel de Lima e Silva o responsável por sua organização em um prazo de três meses. Esse decreto permitia o alistamento de estrangeiros entre 18 e 50 anos, sendo que o marechal designou para essa função o *Brummer* Carl Ferdinand Schneider e Peter Weber, residentes em Porto Alegre.

Para agilizar o recrutamento, o marechal Lima e Silva autorizou o antigo oficial da artilharia *Brummer* Friedrich Wilhelm Fruherr von Reisswitz, em junho de 1865, a alistar voluntários em Rio Pardo e Santa Cruz. Esse tomou a iniciativa de inserir anúncio de alistamento no jornal *Deutsche Zeitung*.

Percebemos que a imprensa era um veículo importante para a mobilização da população de origem alemã quanto à guerra, sendo utilizado inclusive para o

recrutamento de soldados. Inicialmente, o recrutamento não teve grandes resultados, já que o sistema brasileiro, no qual se recrutavam indivíduos considerados perigosos, bem como prisioneiros, além das péssimas condições oferecidas aos soldados, tais como soldos insuficientes, castigos físicos, alimentação insuficiente, péssimas acomodações existentes nos quartéis e baixa qualidade do fardamento, fazia com que poucos tivessem a iniciativa de alistar-se.

Em 02 de julho, após um mês e meio do início do recrutamento, somavam-se 68 voluntários, divididos em três companhias, sendo que posteriormente dois oficiais e 60 soldados do Corpo Policial de Porto Alegre somaram-se ao batalhão. Em 11 de julho, mais 30 cidadãos juraram à bandeira, o que demonstra o crescimento do batalhão, que posteriormente somou mais de 200 voluntários.

De acordo com Becker (1968), os *Brummer* Carl Alexander Wichmann, Carl Kammer e Friedrich Wilhelm von Wedelstaedt receberam autorização para alistar voluntários alemães, os dois primeiros em Pelotas e o último em Bagé, sendo que os alistados deveriam marchar com o batalhão de Porto Alegre. No final de julho, o comando do batalhão foi dado ao tenente-coronel Joaquim Manuel de Assumpção e para major fiscal foi designado o capitão Genuíno Olympio de Sampaio.

O batalhão embarcou para Rio Pardo no dia 13 de agosto, contando com pouco mais de 400 homens, de um total de 500 que o integravam, já que 20 homens foram cedidos para o Piquete Imperial, 44 ficaram na capital por motivo de doença e 30 soldados haviam desertado.

Em outubro, foi decretado que todos os batalhões de voluntários despachados para o conflito através de Porto Alegre formariam uma brigada de infantaria sob o comando do coronel João Manoel Mena Barreto, inclusive o Batalhão nº 33. Essa brigada transpôs o rio Uruguai em 05 de novembro, marchando em direção a Corrientes.

4 A BATERIA ALEMÃ NO CONTEXTO DA GUERRA

Após a chegada da notícia da invasão paraguaia e da tomada de São Borja no dia 17 de junho, rapidamente, em 19 de junho de 1865, o presidente da Província autorizou a formação de uma bateria de artilharia com voluntários alemães, sendo encarregado da tarefa Carl Ferdinand Schneider, que contou com o alistamento dos antigos *Brummer*, principalmente de Santa Cruz, Rio Pardo, Porto Alegre e São Leopoldo. Através do

Deutsche Zeitung, Schneider convocou os antigos artilheiros *Brummer* do 2º Regimento de Artilharia Alemã, prometendo a eles seus antigos postos.

Schneider foi nomeado capitão da artilharia, sendo que vários soldados de origem alemã alistados no Batalhão de Voluntários da Pátria nº 33 e do 12º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional pediram transferência para a “Bateria Alemã” para ficar sob o comando de oficiais alemães. Ao longo do conflito, os guardas nacionais tinham a liberdade de escolher entre a “Bateria Alemã” e o Batalhão de Voluntários nº 33.

No final de julho, a “Bateria Alemã” já contava com mais de 60 voluntários, que todos os dias faziam exercícios em canhões. No início de agosto, foram nomeados oficiais o 1º tenente Wilhelm von Reisswitz, os 2º tenentes Ernst Mützell e Th. Maurer, o tenente-secretário Leopoldo Bier e o médico Heinrich Grave. Ernst Mützell pediu exoneração do cargo, sendo substituído pelo tenente Hermann Fehse.

Em 19 de agosto, Schneider anunciou no *Deutsche Zeitung* que todos os voluntários alistados deveriam apresentar-se em Porto Alegre, juntamente com aqueles que ainda desejavam fazer parte da bateria. De acordo com Becker (1968), houve casos em que imigrantes alemães e descendentes apresentaram substitutos, que serviram na “Bateria Alemã”. Houve também casos de deserção, conforme o capitão Carl Ferdinand Schneider anunciou na imprensa através do *Deutsche Zeitung*.

No entanto, de acordo com Lenz (1997, p. 48), nem todos os *Brummer* atenderam ao convite de recrutamento com entusiasmo. Dessa forma, as primeiras baixas da “Bateria Alemã” ocorreram já nos preparativos para o conflito no dia 02 de setembro: Friedrich Jansen foi vitimado pela varíola, e em 31 de outubro o 2º tenente Johann Hermann Adolph Fehse faleceu em consequência de um desarranjo no fígado.

Observamos, através das narrativas, que existia um sentimento de irmandade entre os *Brummer*, além da valorização de seus atos seja na Europa, no Uruguai ou no Brasil. Através da fala de Koseritz percebemos que a adesão de um imigrante ou descendente alemão à guerra significava para o mesmo o engajamento em relação às questões da nova pátria, sendo algo fundamental para que o mesmo se tornasse um “cidadão modelo” brasileiro.

Outro incidente ocorreu após a notícia da rendição paraguaia em Uruguaiana, já que, por ordem da Presidência, a “Bateria Alemã” disparou três vezes ao dia, nos dias 30 de setembro, 1º e 2º de outubro, 21 salvas diante do Arsenal de Guerra. Na noite do dia 02 de ou-

tubro, houve um erro durante as salvas, que feriram gravemente o capitão Schneider.

Com o capitão Schneider hospitalizado, a bateria embarcou para o Paraguai no dia 23 de novembro no vapor “São Paulo” sob o comando do *Brummer* 1º tenente Wilhelm von Reisswitz. Os únicos oficiais que acompanharam Reisswitz foram o médico Heinrich Grave e o 2º tenente Leopoldo Petry. De acordo com Becker (1968), no momento da partida, a Bateria contava com 80 voluntários, sendo que a maioria ostentava a “Cruz de Holstein” e a “Medalha da Campanha do Uruguai”. O 2º tenente Fehse foi substituído pelo também *Brummer* Rudolph Schimmelpfennig von der Oye.

Vale ressaltar que Schneider tentou restabelecer o seu comando sobre a Bateria. No entanto, uma inspeção médica declarou-o inapto ao serviço militar, sendo o mesmo dispensado da guerra, assumindo o comando o 1º tenente Rudolph Schimmelpfennig von der Oye.

5 A EXPEDIÇÃO DE D. PEDRO II AO RIO GRANDE DO SUL

Em 18 de julho de 1866, chegou a Porto Alegre a notícia de que o Imperador D. Pedro II havia chegado à Província, acompanhado do seu genro, o Duque de Saxe, e pelo Marquês de Caxias, além de outras lideranças do Império. O Imperador pretendia comandar a expulsão dos paraguaios da Província. No dia 19 de julho, o vapor Santa Maria, que trazia o Imperador, atracou em Porto Alegre, havendo grande entusiasmo por parte da população e das autoridades da capital quanto à presença do monarca. Durante a noite, os alemães e descendentes da capital, juntamente com representantes de São Leopoldo, prestaram homenagem ao Imperador, realizando um desfile de tochas, formado por mais de mil pessoas.

No dia 23 de julho, o Imperador visitou São Leopoldo, sendo recebido pelo 12º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de São Leopoldo com honras militares e festejos que contaram com a presença de comissões de Hamburgo Velho (atual Novo Hamburgo), Dois Irmãos e Bom Jardim (atual município de Ivoti).

Devido à boa impressão que D. Pedro II teve da Colônia, o monarca determinou que seu piquete particular, encarregado de escoltar a comitiva imperial até Uruguaiana, fosse formado em sua maior parte por soldados de descendência germânica e de São Leopoldo. Baseando-se em Koseritz, Becker (1968) afirma que o Batalhão de Voluntários da Pátria nº 33 teria cedido em torno de 20 homens para o “Piquete Imperial”.

Após a chegada de D. Pedro II à Uruguaiana em 14 de setembro de 1865, a Tríplice Aliança optou por bombardear a cidade no dia 18, no entanto, ao perceber as movimentações, o general Estigarribia capitulou, juntamente com seus 56 oficiais e cerca de 5.000 praças, que já se encontravam sem mantimentos devido ao cerco dos aliados. Após a rendição, D. Pedro desfez seu piquete, permanecendo com uma escolta de 30 homens e retornando a Porto Alegre em 28 de outubro de 1865.

Após três meses de viagens pelo interior do Rio Grande do Sul, D. Pedro II retornou à capital, onde foi recebido pela Guarda Nacional de Porto Alegre e São Leopoldo, que apresentaram armas no Palácio Presidencial, onde o monarca estava hospedado. De acordo com Becker (1968, p. 62), “três sociedades recreativas alemãs, a ‘Gesangverein’, a ‘Liedertafel’ e a ‘Leopoldina’ estavam presentes com suas bandeiras”. No mesmo dia, a Bateria Alemã deu salva à chegada do Imperador, que havia assistido à rendição dos paraguaios em Uruguaiana. No dia 31 de outubro, a comitiva retornou ao Rio de Janeiro.

Em fins de 1866, constituiu-se novamente em Porto Alegre uma “Comissão Patriótica” com a finalidade de angariar voluntários para o 3º Corpo de Exército do general Osório. No entanto, a comissão decidiu organizar uma 2ª Bateria de Voluntários Alemães, sendo que tal tarefa foi conferida novamente ao capitão Carl Ferdinand Schneider.

Em pouco tempo, apresentaram-se antigos *Brummer*, e em janeiro de 1867, chegaram 15 alemães de Santa Cruz, que formaram o princípio da 2ª Bateria Alemã, que embarcou com apenas 25 homens, no dia 27 de fevereiro de 1867, com destino a Rio Pardo, de onde marcharia por terra até Quaraí, onde se reuniria com o 3º Corpo do Exército Brasileiro. Posteriormente, a 2ª Bateria Alemã foi incorporada à Bateria de Morteiros do capitão Mallet.

6 LEGIONÁRIOS BRUMMER, IMIGRANTES ALEMÃES E SEUS DESCENDENTES NA GUERRA DO PARAGUAI

Em 05 de abril de 1866, o general Osório ocupou a ilha da Redenção no rio Paraná; após isso, atravessou o Passo da Pátria, onde houve combate pela posse da lagoa de Estero Bellaco no dia 02 de maio. Nesse combate, a Bateria Alemã entrou na linha de fogo, estando na primeira linha, suscetível aos ataques paraguaios. Ao falar sobre os seus primeiros passos no conflito, Jakob

Dick afirma que logo foi acometido pela disenteria, que teria se espalhado por muitos homens do 1º Corpo de Exército Brasileiro.

No dia 24 de maio de 1866, os paraguaios atacaram as forças aliadas com 28.000 homens e 40 peças de artilharia, no que ficou conhecido como Primeira Batalha de Tuiuti. De acordo com Becker (1968, p. 69), “nessa primeira batalha de Tuiuti o 1º Regimento de Artilharia, ao qual pertencia a Bateria Alemã, conduziu-se com especial bravura”. Becker (1968, p. 70) expõe relato de voluntário do 9º Batalhão do Corpo Policial de Porto Alegre sobre a 1ª Batalha de Tuiuti:

[...] Participamos de tudo isso, e sempre na primeira linha. Fogo cerrado mesmo, porém demos pela vez primeira. Até eu dei 30 tiros com um fuzil que encontrei no caminho. [...] Wilhelm Trein e Manuel von Severin fizeram a mesma coisa [...] Do nosso pessoal de São Leopoldo todos estão bem, com exceção de Joseph Tamm, que foi levemente contundido no braço. Aqui termino a minha carta porque tenho de participar do alarme que, por sinal, é permanente, já que três tiros são suficientes para que todo mundo corra. Trata-se de verdadeira guerra gaúcha; se o inimigo vem, de repente ele aí está. E não faz prisioneiros; seu sistema é o de “corte o pescoço”³.

Portanto, através desse relato, nota-se que o combatente expõe com orgulho o fato de estar na linha de frente, procurando demonstrar para aquele que lia o seu valor como combatente destemido e defensor da pátria brasileira perante o temido inimigo.

Outro relato importante sobre a Primeira Batalha de Tuiuti foi a carta do tenente Rudolph Schimmelpfennig von der Oye, destinada a um amigo, que nos traz as seguintes informações sobre a batalha:

Sustentamos das 11 e meia até as 16 horas um mortífero e ininterrupto fogo de artilharia através de 30 canhões postados em linha, sendo nossa a primeira. Nunca ouvi em Schleswig-Holstein um canhoneio mais furioso; impossível distinguir os diferentes tiros de canhão. Tinha-se a impressão de ouvir um trovejar incessante e tremendo, ou como se cem mil tambores tocassem ininterruptamente. Ficamos todos surdos. Pelas 16 horas cessamos o fogo, o que causou baixas tremendas ao inimigo (OYE, 1866 apud BECKER, 1968, p. 71).

Através desse relato, von der Oye buscou demonstrar a proporção da batalha na qual estava envolvido, destacando o papel e a importância da Bateria Alemã na mesma, conforme fica exposto na seguinte citação:

³ Becker (1968) não informa o nome do soldado.

Todo o Regimento, a nossa Bateria incluída, pode orgulhar-se dos elogios recebidos através da Ordem do Dia por todos os comandantes. Minha modesta pessoa e o Quartel-mestre da nossa Bateria (Johann David Gemeirhard de Santa Cruz do Sul. N. do A) foram mencionados na referida Ordem do Dia, segundo a qual nos teríamos portado com bravura e distinção (OYE, 1866 apud BECKER, 1968, p. 71).

Sobre o resultado do primeiro dia de batalha, von der Oye comentou que “o inimigo foi repellido por todos os lados, sofrendo perdas terríveis, e nós tínhamos conquistado uma vitória brilhante. Nossas baixas somaram 3.000 mortos e feridos e as do inimigo entre 4 a 5.000 mortos, e número maior de feridos” (OYE, 1866 apud BECKER, 1968, p. 71).

Jakob Dick expõe com clareza a participação da “Bateria Alemã” no conflito e o quanto foram eficientes nessa ocasião, mesmo aqueles os quais conheciam como *Brummer*.

Estávamos num campo muito grande; nosso exército achava-se à esquerda, os argentinos à direita e no meio havia tomado posição a artilharia alemã. Isso foi nossa salvação. A artilharia alemã, nesse dia, prestou inestimáveis serviços. Os alemães, que operavam os canhões, pertenciam quase todos aos que nós apelidamos de “*Brummer*”. Estes já haviam participado da guerra contra Rosas, mas nesse dia salvaram nossa causa (DICK apud BECKER, 1968, p. 160).

Sobre os resultados da batalha, Dick afirmava que, no final da mesma, o campo estava coberto por cerca de 24.000 soldados mortos ou feridos. O soldado aponta também que inicialmente a cavalaria estava a pé e que, somente após receber os cavalos, puderam prestar serviços relevantes.

No dia 18 de julho, travou-se a Batalha de Boquerón, na qual a “Bateria Alemã” teve que avançar além da primeira linha de vanguarda. Quanto a essa batalha, von der Oye comentou que “próximo de mim um sargento da nossa Bateria foi atingido por um pedaço de granada na barriga, perecendo; um soldado, não da Bateria, mas um **brasileiro** (grifo dos autores) perdeu uma perna por causa de uma bola de canhão” (OYE, 1866 apud BECKER, 1968, p. 74). Através dessa frase nota-se o espírito de unidade étnica existente dentro da “Bateria Alemã” e o fato de que, mesmo se sentindo cidadãos brasileiros, os combatentes realizavam distinção entre brasileiros de origem alemã e os de outras origens.

Durante a Batalha de Boquerón, o Exército Brasileiro sofreu muitas baixas, comparáveis com as da Primeira Batalha de Tuiuti enquanto isso, os paraguaios tiveram perdas menores. Nessa batalha teve destaque a

Companhia Alemã do capitão Carl Kammer (*ex-Brummer*), de Pelotas, que nos dias 16 e 18 atravessou a linha inimiga causando graves prejuízos aos mesmos. Após essas duas batalhas, vários alemães e descendentes receberam condecorações por bravura.

Em julho de 1866, foram reunidos o 11º Corpo Provisório de Cavalaria da Guarda Nacional de Sant’Ana do Rio dos Sinos e o 12º Corpo de São Leopoldo, que formaram o 1º Corpo de Caçadores a Cavallo. Esse Corpo era formado, em maior parte, por imigrantes alemães e descendentes, participando de grande parte dos combates desde a tomada do forte de Curuzú, em 03 de setembro de 1866, até o último combate, a Batalha de Cêro-Corá, em 01 de março de 1870, quando já faziam parte do Corpo de Pontoneiros.

Após a Batalha de Boquerón, o 2º Corpo de Exército, ao qual pertencia o 1º Corpo de Caçadores a Cavallo, foi transportado para as proximidades do Forte de Curuzú, que foi tomado em 03 de setembro de 1866. Nessa operação, o Corpo da Cavalaria da Guarda Nacional de São Leopoldo esteve na ponta do ataque, destacando-se o tenente Johann Kautzmann e o guarda nacional Louis Adolf Haesbert. Consta que, na Batalha de Curuzú, o 2º Corpo do Exército perdeu cerca de 800 homens entre mortos e feridos.

Após, o Exército Brasileiro sofreu grande revés na Batalha de Curupaiti, travada em 21 de setembro de 1866, sendo que novamente os soldados de origem alemã estavam na vanguarda do ataque, havendo muitos mortos e feridos. Após isso, as forças brasileiras tiveram que recuar para Curuzú, permanecendo ali durante quase um ano, onde sofreram com epidemias, principalmente a cólera.

Por suas participações nas Batalhas de Curuzú e Curupaiti, o major Maximiliano von Emmerich recebeu a mais alta condecoração do Império, a Ordem do Cruzeiro do Sul; o capitão Carl Kammer, o tenente Johann Albin Brodt, o 1º tenente-médico Theodor Schnapp, o capitão Jacob Franzen Junior e o tenente August Zeidler também receberam altas condecorações do Império.

Karl von Koseritz costumava entrevistar todos os que voltavam do conflito, buscando saber sobre a situação da “Bateria Alemã”. Em seus comentários, von Koseritz manifestava as façanhas da Bateria, conforme exposto por Becker (1968, p. 77):

Numa batalha, por exemplo, cujo nome não menciona, aquela bateria teria disparado os tiros com tal rapidez que os canos de vários canhões chegaram a rebentar. Durante outro combate, cada peça de artilharia teria dado 210 salvas num período de

4 horas, o que representaria um tiro em cada 68 segundos.

Portanto nota-se no discurso de Koseritz verdadeira exaltação aos supostos atos de bravura e engenhosidade da “Bateria Alemã”, especialmente no que se refere aos *Brummer*, grupo do qual ele se considerava parte.

Em 19 de novembro de 1866, o marquês de Caxias assumiu o comando do Exército Brasileiro. Entre fevereiro e agosto de 1867, Caxias assumiu interinamente o controle da Tríplice Aliança, tomando a iniciativa de concentrar o exército em torno de Tuiuti, abandonando Curuzú e marchando pelo rio Paraná acima, já que não conseguiam conquistar Curupaiti. Tal estratégia trouxe descontentamento entre os combatentes, em especial os *Brummer*, que haviam lutado para conquistar e defender tal fortificação.

Uma das fontes para o estudo da participação dos *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes no conflito são os relatos de Otto Stieher, um antigo *Brummer*, que havia se tornado comerciante e que, acompanhando as tropas brasileiras no Paraguai, também escrevia para o *Deutsche Zeitung*.

Em agosto de 1867, o Corpo de Pontoneiros do 2º Exército, formado por soldados de origem alemã, avançou sob a pequena cidade de San Solano e ocupou a estância de Solano López, que havia sido incendiada pelo inimigo. Vale destacar que, nesse momento, o 1º Corpo do Exército havia avançado, tomando o flanco direito do rio Paraná, e o 3º Corpo do Exército havia alcançado Humaitá, procurando cercar o inimigo.

Já em 20 de setembro de 1867, o 1º Corpo do Exército atacou a vila de Pillar, participando entre 3.000 e 4.000 homens da cavalaria rio-grandense, que, sem a ajuda da infantaria ou artilharia, enfrentou dois canhões e o fogo de dois vapores paraguaios, além da infantaria e cavalaria inimiga. Otto Stieher relata a valentia dos soldados de origem alemã, principalmente do coronel João Niederauer Sobrinho, que teria participado da tomada de um canhão, e do capitão Cristoph Baum, que foi o primeiro homem a atravessar o rio a nado para atacar a cidade.

A 2ª Batalha de Tuiuti foi uma das mais decisivas da guerra e contou com participação dos *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes. Segundo Becker (1968), no dia 03 de novembro de 1867, uma força paraguaia de 8.000 ou 9.000 combatentes atacou o acampamento em Tuiuti, sendo esmagada pelas forças brasileiras. No relato da batalha, trazido por Stieher, evidencia-se a exaltação dos combatentes de origem alemã, relacionando

a sua atuação no conflito com o trabalho, valor extremamente exaltado pela comunidade de origem alemã, no que se refere à sua prosperidade na região colonial, e que agora também era utilizado para referir-se à participação dos soldados de origem alemã na Guerra do Paraguai.

Segundo Becker (1968), o Corpo de Pontoneiros era formado majoritariamente por brasileiros de origem alemã de São Leopoldo, remanescentes do 1º e 2º Corpos de Cavalaria Montada da Guarda Nacional, sendo que, durante a 2ª Batalha de Tuiuti, teria perdido 71 soldados e 11 oficiais dos 180 que o constituíam. Jacob Franzen destaca em seu diário que o ataque paraguaio pegou as tropas brasileiras tão despreparadas, que não as derrotaram, pois entregaram-se ao saque no quarteirão do comércio (FRANZEN, 1924 apud BECKER, 1968, p. 153).

Segundo o capitão Pedro Werlang, “por ordem do Visconde de Pôrto Alegre esse quarteirão foi por nós assaltado de baioneta calada enquanto os atrevidos paraguaios iam-se deixando imolar aos centos, ao lado de barricadas de açúcar e de barris de bebidas” (WERLANG apud BECKER, 1968, p. 132). Portanto faltavam recursos ao exército paraguaio, que recorria ao saque para sanar as suas dificuldades.

Em meados de janeiro de 1868, o capitão Cristovão Baum retornou a Porto Alegre para tratamento de saúde. Em entrevista a Koseritz, Baum afirmou que até o momento a “Bateria Alemã” teria perdido apenas dois homens em batalhas, no entanto contava com número maior de mortos em virtude da cólera (KOSERITZ, 1868 apud BECKER, 1968, p. 101).

A partir de 13 de janeiro de 1868, o comando supremo do Exército Aliado passou para o marquês de Caxias. Nesse momento, os aliados estavam próximos de conquistar Assunção. No entanto, o objetivo só foi alcançado no primeiro dia do próximo ano. Em seu discurso, Stieher demonstra a suposta valorização da “Bateria Alemã” pelo alto comando brasileiro.

Ao avançar para o interior do Paraguai, a “Bateria Alemã” e os demais corpos que contavam com a participação de elementos de origem germânica passaram a enfrentar grandes dificuldades, sofrendo com as emboscadas do inimigo nas matas. Além disso, compunham a vanguarda, sofrendo fortes bombardeios, que nem sempre tinham condições de responder em virtude do baixo calibre de seus canhões. Posteriormente, a Bateria Alemã recebeu canhões de maior calibre.

Segundo o relato de Becker (1968), a artilharia brasileira bombardeava Humaitá constantemente, além

de avançar sob a mesma, o que gerava muitas baixas. Sem ter como resistir, os paraguaios fugiram para as matas, havendo grande dificuldade para expulsá-los delas. Após a tomada de Humaitá, o Corpo de Pontoneiros permaneceu na fortaleza até 25 de outubro, sendo que posteriormente se dedicaram à construção de pontes e estradas no Chaco.

Após a ocupação de Humaitá em 25 de julho de 1868, um dos maiores feitos brasileiros durante o conflito, Koseritz comentou no *Deutsche Zeitung* a importância dos alemães na guerra.

Em setembro, os 6º e 9º Corpos Provisórios de Cavalaria da Guarda Nacional, liderados pelo coronel Niderauer Sobrinho, tomaram fortificações nas margens do rio Tebicuarí, envolvendo-se posteriormente em batalha com um piquete paraguaio na Estância Surubí no dia 24 de setembro.

Entre os principais acontecimentos de 1868 destacaram-se a tomada do forte do Estabelecimento (19/02), a capitulação de Humaitá (25/07) e os combates de Tebicuarí (28/08), fundamentais para que se alcançassem as posições de Piquisiri, ao sul de Assunção. No final do ano, ocorreu a Dezembrada, com a marcha através do Chaco, ocorrendo as batalhas de Itororó (06/12), Vileta (07/12), Avaí (11/12) e a decisiva Batalha de Lomas Valentinas entre 21 e 27 de dezembro. Em todas essas batalhas estiveram presentes combatentes de origem alemã.

Em seu diário, o capitão Pedro Werlang expõe detalhes da Batalha de Avaí, afirmando que, no final, observava-se “que numa diminuta área de uns cem passos de comprimento por outro tanto de largura, o número de mortos era tal que chegavam a jazer uns por cima dos outros” (WERLANG apud BECKER, 1968, p. 141). Nessa batalha, Werlang perdeu seu irmão Guilherme, morto com um tiro na cabeça.

De acordo com Jakob Dick, a Batalha de Lomas Valentinas estendeu-se por dois dias e duas noites em uma disputa intensa, ocorrendo fortes chuvas, sendo que os combates não cessaram, e os feridos tiveram que permanecer na chuva. Segundo ele, os soldados teuto-brasileiros foram fuzilados em massa e de forma alguma podiam parar para comer ou beber, o que se modificou após a chegada de reforços.

Werlang também expõe a situação com a qual se deparou no forte de Lomas Valentinas, afirmando que “foi com coração confrangido, mas também com profundo respeito que olhamos para o quadro que se nos apresentou no interior do forte. O chão estava revolvido pelas nossas granadas e coberto de cadáveres de homens,

cavalos, bois, cachorros e outros animais” (WERLANG apud BECKER, 1968, p. 144). Após isso, Caxias propôs a rendição ao comandante do forte de Angostura, que se rendeu relutantemente. Solano López havia se entrincheirado em Lomas Valentinas; no entanto, após a Batalha, ele teve que retirar-se para Serro Leão.

Após a conquista da capital paraguaia, o comando da aliança passou para o Conde D’Eu, genro de D. Pedro II. Durante a perseguição a López, os soldados de origem alemã penetraram no território paraguaio em ambientes inóspitos, onde havia dificuldades no fornecimento de víveres, além da falta de árvores frutíferas ou plantações de mandioca.

Sobre a fome pela qual passaram, Jakob Dick comenta que, em tal quadro, aumentaram as deserções, até que o governo brasileiro percebeu a inutilidade de um exército de grande porte na caçada a Solano López e algumas centenas de soldados, recuando grande parte dos combatentes até Rosário, onde os brasileiros desfrutaram de melhores condições. Becker (1968) apresenta depoimento de Werlang, no qual esse retrata as violências praticadas durante a caçada a Solano López, sendo comuns as pilhagens e havendo a degola de prisioneiros, tendo em vista que durante a caçada não havia como transportar ou manter em cárcere os mesmos. Solano López foi alcançado em Cerro-Corá, onde foi morto em combate no dia 1º de março de 1870, encerrando esse conflito.

Após a morte de López, a guerra estava acabada, e os soldados passaram a ser transportados em direção ao Rio Grande do Sul. Becker apresenta em sua obra o caso do sargento Cristiano Spindler, que partiu de Rosário em 13 de março de 1870, chegando a Humaitá dois dias depois e partindo em direção a Montevideu em 16 de abril, onde chegou em 21 do mesmo mês. Na sequência, partiu para Rio Grande, onde chegou em 23 de abril, partindo no dia 26 ou 27 e chegando à capital no dia 28 de abril.

Grande parte dos *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes voltou do conflito integrando o 39º Batalhão de Voluntários da Pátria, que havia sido formado com os restos do 33º Batalhão de Voluntários, do Corpo Policial de Porto Alegre, dos 11º e 12º Corpos de Cavalaria da Guarda Nacional de Sant’Ana do Rio dos Sinos e de São Leopoldo e de outros corpos oriundos da região próxima a Porto Alegre. Tal batalhão era composto por cerca de 500 homens, sendo que um terço era de origem alemã.

Ao chegar a Porto Alegre, o 39º Batalhão foi recebido festivamente com direito a tiros de canhão, ban-

das militares e a presença do presidente da Província, o marechal Lima e Silva. Ao contrário do esperado, os ex-combatentes tiveram que esperar até o dia 6 de junho, ou seja, cerca de 40 dias, para dar baixa do serviço militar, já que a papelada referente ao que cada praça deveria receber ainda estava no Paraguai. No dia 11 de junho, os soldados de origem alemã deixaram a capital em direção a São Leopoldo, retornando a seus lares, de onde haviam partido cinco anos atrás.

Bento (1976) destaca que foram poucos os sobreviventes da “Bateria Alemã”, sendo que, segundo ele, retornaram apenas 449 soldados. De acordo com Becker (1968), esses soldados eram o resto de nove corpos rio-grandenses, que, ao partirem para a guerra, somavam mais de 4.000 homens. Dos 400 praças do “Batalhão de Voluntários da Pátria nº 33” retornaram apenas 33 homens, e dos 4º e 5º Corpos de Caçadores a Cavalos, que ao marchar para a guerra somavam cerca de 1.000 homens, desembarcaram em Porto Alegre, trazidos pelo vapor Presidente, somente 100 homens.

Becker (1968) afirma que 500 soldados de origem alemã participaram da Guerra do Paraguai, o que corresponde a 0,5% do efetivo brasileiro, contribuição semelhante à de províncias como Goiás e Amazonas. No entanto, Bento (1976) contesta esses números, afirmando que o número teria sido maior.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a Guerra do Paraguai, a comunidade teuto-brasileira engajou-se no conflito, partilhando do entusiasmo inicial que a população brasileira exacerbava quanto ao intuito de expulsar o inimigo do território brasileiro e proteger o país perante a ameaça guarani. Esse grupo também partilhou do desânimo que apanhou todos em virtude da longa duração desse conflito e da altíssima mortalidade decorrente das doenças e violência.

Durante a Guerra do Paraguai, os imigrantes alemães cumpriram uma de suas “funções” quando de sua chegada, auxiliando na defesa do Brasil; enquanto isso, os descendentes dos imigrantes alemães defenderam o seu país.

Para os *Brummer*, a guerra serviu para apagar a imagem oriunda da inexpressiva contribuição dos mesmos durante a campanha contra Rosas. Através da Guerra do Paraguai esses homens procuraram demonstrar o seu valor, valentia, engenhosidade, construindo o discurso de valorização de suas identidades. Koseritz, que não era *Brummer*, mas que se sentia como tal, utilizou o *Deutsche Zeitung* para divulgar a contribuição desses com-

batentes. Sendo assim, aqueles que um dia foram chamados de *mercenários* passaram a ser vistos como defensores da pátria e soldados valorosos.

Verifica-se que os *Brummer*, imigrantes alemães e seus descendentes construíram uma memória na qual exaltavam seus sacrifícios e feitos militares em favor da nova pátria, destacando os seus atos como provas de sua inserção em sua nova pátria, o Brasil. Portanto a participação de combatentes de origem alemã na Guerra do Paraguai, bem como a construção de uma memória relacionada a esse fato foram atitudes políticas adotadas por esse grupo.

Os relatos sobre a participação dos *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes na Guerra do Paraguai contribuíram na construção de uma memória desses indivíduos. Sabemos que uma leitura superficial apontaria que esses relatos revelam apenas o ufanismo desses personagens, no entanto acreditamos que fazem parte de um discurso de valorização, importante na construção de uma memória positiva sobre os mesmos.

Defendemos essa perspectiva, pois levamos em consideração os indivíduos envolvidos, o contexto em que estavam inseridos e a sua história. Portanto reconhecemos que as palavras carregam significados, demonstram demandas e intenções próprias da época em que esses estão inseridos.

Na guerra, os *Brummer* reforçaram seus laços de pertencimento através da exposição de sua memória para a coletividade, já que reivindicavam a valorização de seus atos pela sociedade. Isso não quer dizer que essa memória havia sido construída com esse propósito, pois a memória é construída de forma consciente e inconsciente, sofre constantes transformações e tem uma forte relação com o sentimento de identidade. Sendo assim, acredita-se que a memória produzida pelos *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes está relacionada à imagem que eles tinham de si mesmos e que eles buscavam demonstrar para a sociedade. Como a identidade é construída em relação ao outro, os combatentes teuto-brasileiros destacavam atitudes que lhes trouxessem credibilidade e valorização.

Percebemos que a memória pode ser construída individual e coletivamente, sendo que Koseritz, que não participou da Guerra do Paraguai, foi um dos maiores responsáveis pela construção de uma memória referente à participação dos teuto-brasileiros na Guerra do Paraguai, já que ele fazia parte desse grupo e mantinha grande proximidade com os *Brummer*.

Por outro lado, sabemos que a realidade é representada através de um processo de classificação, como podemos notar em nossos estudos, em que os persona-

gens destacam seus atos heróicos para fazer reconhecer uma identidade social baseada em valores como a honra, a valentia e o patriotismo, o que, segundo os mesmos, era natural, tendo em vista que o povo de origem alemã era voltado ao trabalho.

A representação está presente nos discursos, *é constituída pelas palavras, ações, comportamentos*, sendo construída de acordo com o grupo ou indivíduo que a forjou, como ocorreu com os personagens abordados neste estudo, que através de suas ações demonstravam seus valores de grupo.

Através da produção e difusão de uma representação, os *Brummer*, imigrantes alemães e seus descendentes relacionaram-se com a ideia de um suposto heroísmo na Guerra do Paraguai. Para isso, utilizavam amplamente a focalização de determinados aspectos coerentes com a defesa dos seus interesses. Sendo assim, ao interpretarmos os relatos dos *Brummer*, imigrantes alemães e descendentes, percebemos a relação entre a sua *linguagem, pensamento e seu contexto político e cultural*.

A partir da sua participação na Guerra do Paraguai foi construída *uma memória positiva, que valorizava a honra, a coragem, e os sacrifícios dos soldados teuto-brasileiros*. Mais do que refletir sobre a contribuição de algumas centenas de soldados em uma guerra que envolveu centenas de milhares, este estudo pretendeu demonstrar como os combatentes teuto-brasileiros perceberam a si mesmos nesse conflito, o quanto os fatos ocorridos nesses cinco anos foram marcantes para eles e proporcionaram a existência de um discurso de afirmação da cidadania brasileira.

REFERÊNCIAS

- AZÉMA, Jean-Pierre. A guerra. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 401-439.
- BECKER, Klaus. **Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai**. Canoas: Hilgert & Filhos Ltda., 1968.
- BENTO, Cláudio Moreira. **Estrangeiros e descendentes na história militar do Rio Grande do Sul (1635 a 1870)**. Porto Alegre: A Nação/DAC/SEC, 1976.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e a inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **O conflito com o Paraguai: a Grande Guerra do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 18-44.
- LENZ, Cristóvão; SCHÄFER, Henrique; SCHNACK, Jorge Júlio. **Memórias de Brummer**. Porto Alegre: EST, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- _____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTO, Aurélio. A “Guarda Nacional” e os “Brummers”. In: _____. **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1996. p. 191-203.
- _____. Na Guerra do Paraguai. In: PORTO, Aurélio. **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1996. p. 203-211.
- RÉMOND, René. Do político. In: _____. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 441-450.